



*Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas  
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura  
Universidade Federal de Ouro Preto  
ISSN: 2596-0229*

**VIADOPLANTAS:  
a proposição de uma néctapolítica**

*VIADOPLANTS:  
the proposition of a nectapolitics*

**Saile Moura Farias**

 <https://orcid.org/0000-0002-7577-4102>

## **VIADOPLANTAS: a proposição de uma néctapolítica**

### **Resumo**

Acerca da ecologia, que materialidade pode ter a vida vegetal visualizada pelas óticas canônicas? Em vista disso, através da viadoplanta, cunha-se a néctapolítica. Constrói-se o presente estudo propondo novos horizontes epistemológicos, bem como outras ações pedagógicas, dimensionadas por éticas bixas (Vidarte, 2019). Busca-se, portanto, uma ecologia decolonial (Ferdinand, 2022) nos estudos das artes cênicas.

**Palavras-chave:** viadoplanta; néctapolítica; ecologia decolonial; ética bixa; vida vegetal.

## **VIADOPLANTS: the proposition of a nectapolitics**

### **Abstract**

Regarding ecology, what materiality can plant life visualized through canonical optics have? In view of this, through the viadoplanta, nectapolitics is coined. The present study is built by proposing new epistemological horizons, as well as other pedagogical actions, dimensioned by bixa ethics (Vidarte, 2019). Therefore, a decolonial ecology (Ferdinand, 2022) is sought in studies of the performing arts.

**Keywords:** viadoplant; nectapolitic; decolonial ecology; queer ethics; plant life.



## A Néctapolítica cultiva viadoplantas (prólogo)

Menos do que somente ser um neologismo, a viadoplanta busca promover criações artísticas, interesses pedagógicos e fabulações filosóficas vide às programações cisheteronormativas tão entranhadas nos processos de subjetividades de corpos sexo-gênero dissidentes. Menos do que apenas fundamentar uma proposta de pesquisa, trata-se de uma mobilização afetiva, estética e substancialmente ética (*bixa*). Concerne-se, portanto, a uma conceituação que, antes de ser puramente teórica, é uma construção plástica, do manuseio, da relação essencialmente.

Esse trabalho tem seu caráter radical, sim, como todo o exercício de reflexão crítica e que visa, assim, reposicionar corpos nas dinâmicas coercitivas, todavia, busca-se que, cuidadosamente, a cada vez que essa pesquisa se esboça em espaços de exposição (oral, escrita, de aulas ou desabafos nos corredores da universidade) possa não deixar de assumir processos afetivos de partilha. A solidariedade também precisa estar inclusa nos intentos revolucionários tanto para aqueles e aquelas que se relacionarão com o material, quanto com o próprio processo particular de um estudo que, por sua vez, dialogará com outras perspectivas, irá também se contradizer, comunicará, ou não, em suma, mobilizará horizontes, sem a pretensão senão da transmutação. É o que se deseja ao propor a viadoplanta.

Por meio dela promove-se a construção, e também o enredamento, de discursividades que possam fazer erigir horizontes poéticos de enfrentamento às dinâmicas coercitivas, compreendendo que o processo de cooptação epistemológica recai sobre nós de modo que apreendendo processos subjetivos do desejo, do comportamento e da própria elaboração crítica. Através disso, propõe-se horizontes filosóficos que incitem outros estados corpóreos nos mundos que nos concernem, isto é, as relações familiares, amorosas, educacionais. Dito de outro modo, é pensarmos que:

Isso, portanto, esboça-se aqui através da ontologia da *viadoplanta-pedagógica*, que tanto alicerça-se aos entendimentos de vegetação da *bixa* (ou, dito de outro modo, entendimentos de produção pedagógica da *bixa* por meio dos estudos ecológicos de gênero e sexualidade), quanto reorganiza nossos corpos como mobilizadores de saberes essencialmente vinculados às nossas afetações de corpo, desejo, tensão, tesão, cor, peso, dúvidas e devaneios (Farias, 2023, p. 163).

Logo, propor a viadoplanta é instaurar outras fricções na cronologia temporal, nas estruturas pedagógicas, como referidas por meio da *viadoplanta-pedagógica* (*Ibid., Id.*), bem como outros posicionamentos frente à cultura, às diagramações hegemônicas do



saber/poder que alicerçam os processos de produtividade que empreendem, inclusive, as nossas capacidades de recriações ontológicas, artísticas, plásticas, estéticas, poéticas, fantasiosas.

A viadoplanta, para catalogar mais-e-outros espaços de chão (institucional, urbano, acadêmico), precisa fantasiar estados que nos permitam, assim, aprender relacionamentos potencialmente comoventes, no sentido de comunicação, movimento, envolvimento e ardência fabulativa. Desse modo, cria-se a *néctapolítica*.

A néctapolítica delinea-se como um processo de criação: teatral, performativa, dançada e cartograficamente redigida. Dito de outro modo, elabora-se através dela um exercício de escrita, de coreografia, de experimento, e de risco.

A viadoplanta também se posiciona como um delineamento de uma interação que se forja a partir de *estudos ecológicos de gênero e sexualidade* (Farias, 2023), reencenando a interação entre corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas. É um processo de criação, uma especulação filosófica, e, substancialmente, um projeto pedagógico sob vias de uma cosmologia vegetal e dissidente sexual. Concebe-se, portanto, um paradigma teórico que é também, inexoravelmente, prático. É um programa cartográfico de construções discursivas e éticas, concebendo mobilizações estéticas de um projeto que transita e se esboça conforme as comunicações que se mobilizam nos vínculos afetivos<sup>1</sup> deste aspecto relacional, em vista de compreender a existência do viado que se envereda às plantas, vegetando outros estados de *vida*<sup>2</sup> no corpo da terra.

Entrecruza-se as exposições acerca da viadoplanta e da néctapolítica para, deste modo, tecer uma rede analítica e perceptiva que possa embaralhá-las, em vista de construir não um terreno plano, desmatado, mas materializador de ondulações, casa de pedras, buracos; onde possa nascer a flor, sim, mas também capim, matos e tudo o que preserva a vida selvagem das plantas em suas comunicações particulares.

## Introdução

A presente pesquisa se origina de um Doutorado em Artes Cênicas, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da professora e pesquisadora Dra. Dodi Tavares Borges Leal. Nesse processo, então, cunha-se o conceito

<sup>1</sup> Pondero aqui o afeto a partir do que Félix Guattari (2012) expressa quando o expõe não como um viés de discursividade, mas de existência. Logo, os campos afetivos que neste estudo se vinculam abordam essa via relacional das potências singulares, e suas necessárias existências.

<sup>2</sup> [...] quando pronunciamos a palavra vida, deve-se entender que não se trata da vida reconhecida pelo exterior dos fatos, mas dessa espécie de centro frágil e turbulento que as formas não alcançam” (Artaud, 2006, p. 8).



de viadoplanta, elaborado por meio de uma perspectiva *ecosófica* (Guattari, 2012a), que relaciona plantas e corpos sexo-gênero dissidentes, sobretudo *bixas-viados*, tendo como parâmetro a presença destes (ou suas aparições acessórias e sistematicamente desassistidas) nas paisagens urbanas. Faz-se tal delimitação de espaço por entender que “a vegetação não é contemplada dentro da cidade ideal, aquela que celebra a arquitetura e o pensamento filosófico que a sustenta (Mancuso, 2020, p. 44), logo que, “a paisagem, sempre socialmente construída, é edificada em torno de instituições sociais dominantes e ordenada pelo poder dessas instituições” (Baldin, 2021, p. 13).

A viadoplanta, contudo, não presume nenhum interesse de homogeneidade entre a existência vegetal e de pessoas sexo-gênero dissidentes. Tampouco intenta-se um movimento de pesquisa que fale por toda a complexidade das vivências de pessoas LGBTQIAP+. Trata-se, no entanto, de um forjamento conceitual que se mobiliza através do desejo de estabelecer elaborações epistêmicas e éticas, que essencialmente atravessem realidades, corpos e existências, não justificando-os num horizonte universal, mas proporcionando ao campo dos estudos políticos outros discursos estéticos e filosóficos de contribuição, que podem, ou não, desencadear posicionamentos criativos e críticos frente às dinâmicas hegemônicas de uma ecologia colonial.

Quando defende-se a tese de que corpos LGBTQIAP+, ou dito de outra forma, por aspectos mais delimitados e contextuais cuidando generalizações, que as bixas lidam diferentemente com a urbanidade, e atribui-se a isso a compreensão de paisagens urbanas, confere-se outro paradigma estético de paisagem. Isso, pois, a programação urbana, enquanto um amálgama de tecnologias construídas em vias de um *progresso* econômico (lê-se predatório), também pode ser experienciada como uma paisagem, sobretudo quando revisitada pelas ocupações ético-estéticas que se engendram quando cria-se a viadoplanta – enquanto uma condição ecológica e política de forjamento corpóreo nas cidades, por meio, evidentemente, de explorações cênicas, performativas e experimentais.

Fala-se de ambas, as bixas e as plantas, como corpos vegetais, pois leva-se em consideração a compreensão de que, analisando os aspectos sociopolíticos e neoliberais de uma organização urbana, nós, pessoas sexo-gênero dissidentes, e as plantas, assumimos um lugar de marginalidade que nos entrecorta, ou, dito de outro modo, que nos relaciona. E, sim, isso se dá a partir das organizações colonialistas de uma cidade não pensada para corpos que diferem da noção universal de humano-branco, bem como de uma performance normativa de gênero e sexualidade. As normas que os espaços públicos reiteram, através de projetos modernistas que não agregam tais corpos nas instâncias de uma seguridade verdadeiramente eficaz, não prevê espaços para a vida verde, tampouco



para a vida viada. Pensar acerca disso, contudo, não presume nenhuma produção discursiva de “vitimismo”, mas, politicamente, busca traçar tal condição vitimada como ferramenta de luta (Berth, 2019).

Para tanto, é de suma importância que seja concedida uma articulação com a obra *Ética bixa* de Paco Vidarte (2019), como um entrecruzamento primordial causador de estímulos ético-conceituais que subsidiam a viadoplanta. Isso pois, para o filósofo espanhol, devemos manter uma percepção crítica e atenta acerca de perspectivas políticas que, por serem importantes pilares de uma sociedade neoliberal e heterocisnormativa, são responsáveis pela deliberação de entendimentos universais que, na verdade, só se aliam aos arquétipos coloniais, patriarcais e excludentes. Neste caso, traz-se à reflexão a ética como um desses aspectos a serem revistos, revisados por óticas mais contextuais, de modo que visualizando-a para além de um centro discursivo de uma moral falaciosa, logo que,

Toda ética universal, no fundo, é absolutamente particular, é uma ética de classe, de povo escolhido, de héteros, de masculinos, de uma maioria que pretende impor uma ética particular – por muito majoritária que seja – a todos em seu próprio benefício e em prejuízo das majorias que não pertençam ao seu círculo de poder [...] (Vidarte, 2019, p. 26).

Essa contribuição de Vidarte (2019) envereda, fundamentalmente, que possamos atribuir aos estudos de gênero e sexualidade espaços de criação e restituição de mazelas político-discursivas ensimesmadas na unilateralidade de corpos sexo-gênero normativos. Diante dessa articulação, faz-se caminho para a condução crítico-conceitual que se afere à viadoplanta.

O presente estudo deseja atuar efetivamente na proposição de movimentos de reencenação frente às dinâmicas normativas que visam, aliás, enrijecer nossa capacidade de mobilizar imaginários mais inventivos e de outros posicionamentos de autoria. Ao recuperarmos, e, mais do que isso, forjarmos esses espaços de criação de perspectivas através de cosmologias vegetais e dissidentes sexuais, podemos então atenuar mecanismos de silenciamentos epistemológicos fortalecidos por uma sistemática universalizante que diz o que é ou não legítimo, com base numa ideia ensimesmada de sentido. Dito de outro modo, promover a viadoplanta, concebendo assim a néctapolítica, radica nossa presença em áreas do saber que são preponderantemente ocupadas por corpos e perspectivas canônicas.

Enveredam-se, portanto, outros interesses lógicos acerca do que se compõe discursivamente, filosoficamente e epistemologicamente. Ou seja, a forma como a dita razão se implementa no presente estudo está essencialmente atravessada pelos



tensionamentos éticos que Vidarte (2019) concebe. Para tanto, é crucial ponderar a respeito dos parâmetros racionais como passíveis, também, de outros delineamentos, a depender de qual esfera social, isto é, que coletividade estamos ascendendo perspectivas.

A oportunidade de fazermos tal exercício é muito preciosa. Isso pois, conceber desconstruções a despeito da ontologia hegemônica da razão alarga as possibilidades do que podemos, então, falar, pensar, discutir, forjar. Compreendemos, portanto, que a incompreensão não mais atenuará nossos processos propositivos como critério de negação, isto é, de que *não faz sentido* o que desejamos criar/dizer, mas sim atuará como uma via de movimento dos nossos corpos e os consequentes posicionamentos políticos que podemos assumir.

A néctapolítica cultiva viadoplantas por aspectos incompreendidos, e assim redimensiona múltiplas compreensões, tendo como horizonte a busca por uma explanação que, a cada vez que se promove, deseja encontrar melhores modos de dialogar com a intimidade de corpos sexo-gênero dissidentes, catalogando percursos descentralizados, que nos interponham num ambiente de uma potente *conversação* (Larrosa, 2019).

Em vista disso, traz-se mais contribuições que o autor de *Ética bixa* propõe ao incitar contextualizações dessa instância sócio-operacional, isto é, a razão, expondo que esta, nas formatações defendidas pelo dito ‘homem de bem’, realiza-se como um veículo de manutenção das opressões direcionadas às pessoas sexo-gênero dissidentes – sem deixar de mencionar, evidentemente, os marcadores sociais de raça<sup>3</sup> e etnia, visto que, à margem do que se pretende uma sociedade brancocentrista, tais corpos também são lidos como fora da lógica operacional e adequada, tanto porque estão sistematicamente excluídos da “congruência” do que seria um corpo desejado por essas dinâmicas “(bio)lógicas”, apreendidos, então, pela dita tolerância, quanto porque produzem, inclusive, suas próprias tecnologias decoloniais de epistemologias.

Segundo Paco Vidarte:

[...] a razão é patriarcal, também é heterossexual, heterossexista, homofóbica e nos amordaça quando queremos usá-la porque foi inventada para nos calar e nos massacrar. Cuidado com a razão! É preciso colocá-la em curto-circuito, se algo for sisudo e racional demais, provavelmente será heterossexista e homofóbico. [...]. Nunca nos exterminaram nem nos perseguiram gratuitamente, por esporte, sempre houve razões por trás, crenças, religiões, motivos muito decentes e busca do bem (Vidarte, 2019, p. 120).

<sup>3</sup> Vale ponderar que trago a ideia de raça aqui por meio da compreensão de estrutura social. De forma alguma refiro-me a aspectos biológicos de diferenciação.



Como um dos primordiais interesses do que pretende a viadoplanta, a perspectiva racional que se contextualiza, e sobretudo se distensiona, atua aqui como um movimento não só anticolonial, mas também potencialmente criativo, logo que possibilita que nos intencionemos a outros rumos de organização coreográfica, o que consideravelmente redistribui o monopólio de violências (Mombaça, 2021) que se estrutura nas relações de saberes centralizados em uma formatação de razão, pautando-se, inclusive, em argumentos do que teria ou não sentido, deliberando, assim, o que é ou não passível de importância, e o que deve ser sistematicamente regulado, obliterado, destituído de fundamento, porque não preocupado por princípios “lógicos”.

Preciso reiterar que, trazer à tona tal via de organização do pensamento, da compreensão, da lógica, da própria fruição dos sentidos do texto está, especialmente, veiculado a “uma tecnologia de micropolítica que precisamos compreender e saber elaborar” (Farias, 2023, p. 162). Logo, é a possibilidade de não somente influirmos capacidades subjetivas mais experimentais, contextuais às vivências de corpos sexo-gênero dissidentes, mas podermos, sobretudo, construir códigos de fala, de articulação, de movimento sistêmico com base na inventividade pedagógico-ecológica da viadoplanta.

Logo, ao refletir a respeito dessa ética que se transmuta, sob horizontes mais transitórios e potencialmente contextuais, deliberando outra compreensão da violência e dos limites morais, seguida de uma reencenação racional, ou seja, prevista por vias menos concisas e delimitadoras, vislumbro, então, a possibilidade de beirar o impossível como poética de barricadas epistemológicas, filosóficas e estéticas, deliberando assim ânimos criativos para a elaboração da viadoplanta.

A descentralização dessas vias, éticas e racionais, como citadas, reorganiza as áreas da pedagogia, da fabulação estética, da construção filosófica e crítica, não por aspectos de relativização, abarcando tais zonas de modo acessório. Penso, em vista disso, que descentralizar discursos fundamentais na manutenção das estruturas hegemônicas vigentes é, desse modo, reposicionar nossos corpos frente à produção epistemológica; o que viria a ser, portanto, *critério* de deslegitimação institucional, pública e privada, torna-se material de inventividade da bixa vegetal, bem como da planta viada (Farias, 2023). E chamaremos, sim, isso de saber, de potência e de pesquisa.

Ao propor tal perspectiva de interação entre as questões de gênero e sexualidade com a cosmologia vegetal, novos mecanismos de relação se implementam aos modos de visualização dessa proposta. É o caso do *sistema radicular* (Mancuso, 2019), que reflete a comunicação das plantas por meio de descentramento vegetal, como uma modulação



operacional que abarca a visualização da *zona de vizinhança* (Deleuze; Guattari, 2012) que há entre as existências incorporadas na viadoplanta.

O *sistema radicular*, segundo o botânico Stefano Mancuso (2019), é uma espécie de programação cerebral da planta e se organiza por meio de uma distribuição descentralizada. Esse formato de produção do pensamento vegetal é uma visualização primordial dentro do presente trabalho, logo que se traça, aqui, o intento de uma interação que nos reorganize dentro do mundo moderno – sem compreender por este um ideal abstrato de modernidade, mas pensando-o como um mundo terreno, vegetal, relacional, tecnológico e afetivo, bem como violento, catalisador de opressões sistemáticas, coloniais.

Em vista disso, vale ponderar que:

O sistema radicular é, sem dúvida, a parte mais importante da planta. É uma rede física cujas extremidades formam uma frente que avança continuamente, composta de inúmeros centros de comando minúsculos. [...] É, portanto, todo o sistema radicular que guia a planta, como uma espécie de cérebro coletivo, ou melhor, de inteligência distribuída [...] (*Ibid.*, p. 100).

Ao poder tecer vínculos com este sistema vegetal, produzimos propostas conceituais e estéticas frente ao sistema normativo e colonial de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de cultura, de linguagem. E isso nos permite, portanto, a fabulação de outros discursos, sobretudo por meio da ótica do delírio, do fundamento epistemológico sob as vias de uma cosmologia vegetal e dissidente sexual, bem como de novas imagens e imaginações, pautadas numa compreensão racional revisitada por interesses mais múltiplos e marginais, isto é, uma razão mais carnal, porque pensada com o cu da viadoplanta (Vidarte, 2019), possibilitando, inclusive, que acionemos uma *memória-do-cu*, que tanto existe como está por ser criado (Mombaça, 2021).

Dodi Leal (2020a), no texto *A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica? Pedagogias anticistêmicas da pandemia*, questiona: “Para que serve uma travesti? Para que serve a arte?”, e responde: “Para nada” (Leal, p. 79). Incorporo a essas indagações as seguintes reflexões: Para que serve a viadoplanta nas plantas de um projeto urbano? Para que serve a néctapolítica nas tecnologias políticas das bixas? A viadoplanta serve para criar arte? A arte da néctapolítica, se existe, é poder de pólen, ou polinização das estruturas de potência? Ao invés de concluir de modo categórico como fez Leal, proponho o seguinte verbo como via analítica dessas questões: Nadar. É a isso que se infere tais formulações conceituais: para nadar; ação tanto de mover-se nos mares, rios e igarapés que resistem à predação capitalista, como também modo de alargar o nada, fazê-lo vibrar para além do que finda, do que acaba



por presumir ausência. A viadoplanta serve para isso: nadar. Criar. Métodos de relação com as espécies, com o movimento. Desse modo que, aliás, rumei à néctapolítica.

### **Às veredas da néctapolítica**

Como já mencionado, pensar a viadoplanta possibilita a criação de mecanismos políticos que tanto redimensionam esse vetor conceitual de interação entre as questões de gênero e sexualidade e a ecologia, quanto abre espaço para fabulações filosóficas que geram um potencial viés estético. Como é o caso da néctapolítica.

Para falar disso preciso, precedentemente, refletir acerca de outro conceito importante, sobre o qual traço percursos fundamentais. Trata-se da noção de *necropolítica*, cunhada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), na obra que leva como título o mesmo nome dado ao conceito sobre o qual pretendo tecer abordagens de prospecção da néctapolítica.

A respeito do que cunhou Mbembe (2018), podemos encontrar um projeto discursivo que delibera perspectivas substanciais acerca de como se posicionam as dinâmicas de opressão, violência, e principalmente de morte sobre corpos oprimidos. Explanando de forma sintética, o que o autor propõe é uma leitura crítica a respeito da política da morte que se implementa sobre corpos não hegemônicos, sobretudo corpos negros e indígenas. Logo, a necropolítica promove uma concepção emergente de leitura política ao explicitar a atuação sistemática do poder opressor frente às existências marginalizadas, programando estratégias de morte para tais corpos, o que engloba não só parâmetros étnico-raciais, mas possibilita que tenhamos compreensões que agrupem corpos sexo-gênero dissidentes como também afetamos pelas atividades de extermínio.

Essa perspectiva do filósofo camaronês não está, exclusivamente, associada a ações diretas da morte que comumente entendemos como tal – apesar de denunciar especialmente isso. Contudo, vale levar em consideração a possibilidade que este termo tem de construir um imaginário de leitura crítica e atenta frente a abordagens opressoras que, por suas vezes, e estrategicamente, constroem e fortalecem mecanismos de uma espécie de infiltração do extermínio nas estruturas sociais marginais, negras, pobres economicamente, transgêneras, viadas, nortistas. Dito de outro modo, a necropolítica implementa uma percepção crítica aguçada acerca dos mecanismos, simbólicos e concretos, do poder colonial para instaurar projetos que se interessam na morte destes corpos citados e, como já dito, principalmente de corpos negros e indígenas.



Outrossim, vale mais desdobramentos acerca da necropolítica, sobretudo para a compreensão de que tal conceito reposiciona corpos frente às políticas de morte que se instauram na existência destes mesmos. Para tanto, há um movimento evidentemente colonial que programa e implementa estratégias de violações e métodos de silenciamento a comunidades oprimidas socialmente. Isso é fundamental termos em mente não para estabelecer um retorno discursivo sobre uma instância de opressão, isto é, sua reiteração por si mesma, mas para, como já dito, tecermos reflexões e forjamentos crítico-conceituais dessa condição vitimada como ferramenta de luta (Berth, 2019).

Elaborar esses mecanismos é já, potencialmente, redistribuir espaços políticos, sejam estes de zonas abstratas de um saber hegemônico que, por sua vez, se implica concretamente na legitimação ou apagamento de saberes periféricos, ou dos espaços das ruas, nas salas de aula. Realizar isso nos promove vias analíticas que se compreendem, sim, pela leitura da *necro(política)*, mas podendo, deste modo, que instituíamos a *nécta(política)*, assumindo a propagação de forças políticas por meio da polinização, que é tanto poética, quanto uma tecnologia de assistência discursiva, performativa, filosófica, epistemológica, e sobretudo pedagógica.

Segundo Mbembe (2018), a necropolítica possui elementos que a estruturam. Dentre eles, vale pontuar aqui a fragmentação territorial, que tem como finalidade:

[...] impossibilitar qualquer movimento e implementar a segregação à modo do Estado do apartheid. Assim, os territórios ocupados são divididos em uma rede complexa de fronteiras internas e várias células isoladas. [...] Assim, o terreno elevado oferece benefícios estratégicos não encontrados nos vales (eficácia da vista, autoproteção, fortificações panópticas que permitem orientar o olhar para múltiplas direções (Mbembe, 2018, p. 47-48).

Logo, a visualização crítica desses territórios antagonistas às condutas de mobilidades não hegemônicas nos permite um campo paradoxalmente vasto, apesar das implicações coercitivas. Trata-se, sim, de um mecanismo fortemente exclusivo, excludente, de extermínio. Mas, fazer tal leitura pode nos capacitar outros estados de intenção frente a isso. Ora, é a possibilidade de habitarmos configurações mais inventivas nos espaços públicos e privados. Isso, sob aspectos teóricos, possui uma dimensão mais dinâmica de elaboração e compreensão que, por sua vez, poderia ser dada como mais dificultosa nas instâncias práticas, sobretudo se partíssemos da dialética teoria-prática como desassociadas. Entretanto, o que se compreende aqui é que a teoria delineada nos espaços da escrita é a prática que reencena o posicionamento político das bixas nas relações cotidianas, visto que, denunciar, por exemplo, uma política da morte é nos capacitar um posicionamento atento,



vívido, informado, integrado a esse sistema para além de uma mera condição de corpos violados. Podemos, então, fabular a néctapolítica, e fazê-la é reencenar nossa relação corpórea num mundo que sonha avidamente com prédios, mas não se relaciona com as complexidades imagéticas das pedras. Fala-se, portanto, de fabular saberes e dimensões. Praticar tais movimentações é, desse modo, criar imaginários e através disso encontrar outros meios de estar nas cidades, nas instituições, nas camas, nas mesas, vide a importância da epistemologia como um âmbito que organiza relações de poder sistematicamente solidificadas.

Assim sendo, a *néctapolítica* busca, como um paradigma teórico-prático, potencializar as relações com o solo que nos permite outras vivências corpóreas, coletivas e pessoais, seja por consequência da fragmentação territorial (Mbembe, 2018), que reagrupa minorias sexuais, raciais, étnicas, em espacialidades apartadas, seja pelas compressões críticas atentas que disso se promovem.

Enquanto princípio de criação, este conceito proposto busca outros mapeamentos de ocupação dessa espécie de subsolo que, na realidade, ao invés de nos contrapor a existências hegemônicas em prol do silenciamento, nos permite o encontro com outras espécies (Haraway, 2021) e, conseqüentemente, outras cosmologias, mais contextuais, transitórias e gerativas.

### **A néctapolítica constrói *persquisas***

A néctapolítica, tal como a viadoplanta, não só nomeia posicionamentos políticos de pessoas sexo-gênero dissidentes protagonizando a ecologia como dinâmica de estudo-relação, mas substancializa formulações que descentralizam ideais universalizantes do próprio contato para com o dito *meio ambiente*.

A propagação dessa ideia de meio ambiente, como bem refletem Bruce Albert e Davi Kopenawa (2015), na magnânima obra *A queda do céu*, contribui com a visualização de como se dão os resultados que emergem de uma articulação ecológica oriunda de perspectivas canônicas. Segundo os autores:

Quando falam da floresta, os brancos usam uma outra palavra: meio ambiente. Essa palavra não é uma das nossas e nós a desconhecíamos até pouco tempo atrás. Para nós, o que os brancos chamam assim é o que resta da terra e da floresta feridas por suas máquinas (*Ibid.*, p. 484).

Por isso, é fundamental que tenhamos horizontes de pesquisa mais perspectivados. Construindo até *persquisas*, se me permitem tal jogo de sentidos. Nisso, alguns movimentos



interpretativos se coadunam: a proposição de uma condição mais entremada entre perspectivas e(m) pesquisas; e a inclusão da letra “r” no começo da palavra, salientando a importância de um estudo mais relacional. Pode ser que isso soe aquém do que se espera de uma formulação pedagógico-ecológica mais contextual e plural, contudo, esse jogo de termos nos capacita à mobilização de novos paradigmas imagéticos, discursivos e criativos. Tal como se faz com a néctapolítica.

Essa via da *persquisa*, menos do que ser um conceito metodológico, é uma formulação que visa a execução de outros imaginários de relação para com o que se estuda, isto é, levando em consideração as perspectivas particulares às materialidades relacionadas, neste caso, dos viados e das plantas. Não se prevê, contudo, um método transcendental. É somente um modo de operação que se mobilizou na polinização da néctapolítica cultivando viadoplantas. Portanto, configura-se como uma fabulação vegetativa perspectivada.

### **De que ecologia se fala quando se fabula a néctapolítica?**

Propor a néctapolítica é poder, em vínculo com a potência da viadoplanta, reestabelecermos a presença de corpos sexo-gênero dissidentes nos espaços de contato para com a ecologia. Portanto, ao realizar isso podemos, então, nos ater a aspectos substancialmente mais relacionais, sobretudo promovendo instâncias discursivas, neste caso ecológicas, menos acopladas a modos tão restritos de percepção e produção desse campo de saber.

Ora, é isso, aliás, que configura o que Malcom Ferdinand (2022) reflete ao pensar o ambientalismo como um mecanismo das lutas político-ecológicas que não levam em consideração demarcadores étnico-raciais, tampouco de gênero e sexualidade. Ou seja, não ponderar a ecologia às dinâmicas coercitivas é também produzir alimento à estrutura colonial moderna: “portanto, especialistas em meio ambiente com frequência tomam a palavra nas conferências como se todo esse mundo, com suas histórias, seus sofrimentos e suas lutas, não tivesse consequências na maneira de pensar a Terra” (*Ibid.*, p. 24).

A néctapolítica, por conseguinte, intenta reposicionamentos políticos, ou seja, a mobilização de corpos sexo-gênero dissidentes protagonizando perspectivas ecológicas, sim, mas, para além disso, visa movimentar horizontes epistemológicos que abram campos de realidade para atuarmos nessas frentes. Logo, se visa não somente inaugurar pressupostos de cauterização da ecologia centralizadora, vide a produtividade colonial e o enrijecimento ético-estético, mas construir melhores condições para forjarmos saberes que



nos capacitem novas tecnologias de ocupação e relação para com a vida vegetal, de modo mais artístico.

Fala-se isso porque, se partíssemos do categórico interesse em ocupar esses espaços no qual sustentam-se o dito ambientalismo, sem uma pretensão artística, inventiva, realizaríamos o recentramento (Mombaça, 2017). Para tanto, sim, é importante essa percepção crítica de quais corpos estão produzindo e propagando discursos ecológicos, bem como a reflexão do que esses discursos evocam enquanto posicionamento político contra-hegemônico, contudo, é substancial que isso se realize por meio de outros processos metodológicos, abarcando, aliás, outras perspectivas éticas, comunitárias, descentralizadas.

Acontece que a proposição da néctapolítica se dá pelo interesse de fabular um espaço de criação de cosmologias vegetais e dissidentes sexuais que possam, por meio disso, capacitar que mais viados implantem seus processos indisciplinares inventivos. Ocorre que, antes de prioritariamente ser essa a inflexão desta formulação artístico-conceitual, trata-se de uma elaboração que deseja tal descentramento dos discursos ecológico-colônias a partir de construções plásticas, estéticas, o que, aliás, nos capacita novos agenciamentos coreopolíticos (Lepecki, 2018).

Às apreensões que se promovem, a partir desse interesse que nos reposiciona nos estudos ecológicos, abrindo espaço para concebermos uma ecologia cênica, performativa e, especialmente, pedagógica, a néctapolítica capacita-nos a rastreamentos mais particulares às dinâmicas que ressoam na intimidade de uma vivência sexo-gênero dissidente, isto é, mais concernidos à inventividade de nossos processos subjetivos, gerando assim saberes e pontos de vista que são, por isso, inebriantes às vistas do dito ‘homem de bem’, visto que mal enxerga o próprio pé, tão ludibriado pela expectativa quantitativa do seu desempenho viril, seguindo análises e diagramações de uma sistemática *necapolítica* (Leal, 2020b).

A *necapolítica* é um termo cunhado pela professora e pesquisadora Dodi Leal (2020b) (2021), onde ela revisita os estudos da *necropolítica* e elabora, por conseguinte, essa perspectiva conceitual que visa discutir as condições de um sistema que se pauta na manutenção falocêntrica, patriarcal, ou seja, da *neca*. A pesquisadora realiza tal proposição através do termo *neca* tanto para a utilização de uma palavra oriunda do pajubá, vocábulo particular de pessoas sexo-gênero dissidentes, sobretudo pessoas transvestigeneres – concebendo, assim, uma recuperação histórica e política de apagamentos epistemológicos – quanto para a formulação de um termo que reagrupa nossas existências ao evocar uma terminologia que, por sua vez, se promove em vista de uma compreensão prioritariamente nossa. A *necapolítica* é, como a *necropolítica*, um horizonte importantíssimo para a mobilização da néctapolítica, logo que forja a construção de um horizonte conceitual que,



por sua vez, reconstrói imaginários e, conseqüentemente, incita que desenvolvamos tecnologias particulares de fabulação, denúncia, comunicação, fuga, rastreamentos e enfrentamentos.

Estabelecer, portanto, proposições conceituais que nos conduzam por caminhos de mais intimidade para com os corpos a elas associados, nos concebe mecanismos de entrada nos campos hegemônicos por vias mais estratégicas. Bifurca-se o imaginário intelectual com um novo horizonte utópico, discursivo, experimental, singular, usando, deste modo, ideais de corpos que mobilizam *afetos-sem-síntese*<sup>4</sup> territorial.

Retornando na necropolítica reitero que: é importante a visualização do que se forja ao refletirmos que corpos oprimidos se reagrupam na perspectiva do autor camaronês, não para uma homogeneização das violências, mas para que, através de um encontro político-conceitual, gerem-se novas regulamentações internas, sobre as quais possamos reger os interesses, ambientes e estados corpóreos a elas associados, fazendo isso com maior teor crítico, inventivo e contextual. Como é o caso da proposição da necapolítica de Dodi Leal (2020b) (2021), como também da néctapolítica.

### **A dança de quando nos polinizamos (o porvir)**

Diante do que vem sendo postulado, é importante pensar a néctapolítica como um agenciamento da experiência (Larrosa, 2019); seja no campo educacional, ético, estético, mas sobretudo de vida. A experiência disso está, potencialmente, concernente ao que irrompe, ao que rasga, ao que brota nas clivagens da terra, nas pontas dos dedos, na ponta da língua, na beira dos abismos interespecíficos.

A néctapolítica é uma poética de reposicionamento político frente aos mecanismos disciplinares e, concomitantemente a isso, é o forjamento de outras temporalidades de relação na condição de corpo-mundo, sobretudo atravessada pela reflexão de que: “não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo é visão, devir. Tornamo-nos universo” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 200).

Busca-se, por meio dela, a construção de um manifesto ecológico, decolonial, artístico, pedagógico, ético. Uma formulação que perscruta textualidades, texturas, tesões e intenções cosmológicas. De força, malícias, segredos e corporeidades reinventadas pelo desejo de outras danças espaço-temporais.

---

<sup>4</sup> Essa perspectiva é mobilizada pelo conceito de *afetossíntese* que Dodi Leal (2022) propôs como título da curadoria pertencente à 8ª Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), do Eixo Ações Pedagógicas. Disponível em: <https://mitsp.org/2022/>. Acesso em: 08 abril 2023.



A néctapolítica mobiliza exercícios de linguagem, de sentidos e narrativas corpóreas, assim como a viadoplanta, que reagrupa condições biológicas, ecológicas, sociais e de finalidade das matérias – do viado à flor, ou seja, o corpo do viado que se *entrece* às plantas e transmuta de substancialidade, de função e finalidade. Para reencontrar-se a partir de capacidades outras, tal como a de ser um corpo vegetal, vegetativo de saberes, podendo, assim, afetos-sem-síntese territorial, polinizando múltiplas potências.

A respeito da flor, Emanuele Coccia reflete:

Graças às flores, a vida vegetal se torna um lugar de uma explosão inédita de cores e formas, e de conquista do domínio das aparências. Na flor, sexo, formas e aparências se confundem. Assim também as formas e as aparências são liberadas de toda lógica expressiva ou identitária: elas não devem expressar uma verdade individual, nem definir uma natureza nem comunicar uma essência. [...] as formas e as aparências não devem comunicar sentido ou conteúdo, devem pôr em comunicação seres diferentes – diferentes não apenas em número (o macho e a fêmea da mesma espécie), mas na espécie, no reino, no domínio ontológico (plantas com insetos, cachorros, homens..., *viados, travestis, negros/as, femininas e afeminados*) (Coccia, 2018, p. 98-99, grifo nosso).

A compreensão botânica da flor, neste caso, elabora uma perspectiva fundamental à visualização dos sistemas correlacionais ao que a néctapolítica envolve. Quando o autor expõe a flor como uma matéria menos de cunho expressivo, acessório, e mais como um órgão que se organiza pelo próprio contato com outros seres, possibilita que seja, então, reiterada e defendida a interação para com o mundo das plantas. A néctapolítica, portanto, não abarca somente as flores pela produção do pólen, mas dialoga com todo um processo vegetal de substâncias de resistência, autoproteção e uma comunicação potencialmente relacional que as plantas são capazes. Isso ficará melhor delineado a partir dos estudos que Stefano Mancuso realizou na obra *Revolução das plantas* (2019). Segundo o autor, “muitas espécies são capazes de secretar néctar não apenas em flores – um local normalmente responsável por essa produção –, mas também nos galhos, na parte aérea ou na axila das folhas” (Mancuso, p. 77). Essa produção está relacionada a um processo de autodefesa das plantas. Segundo o autor, tal mecanismo se refere ao processo de relação entre as plantas “que usam néctares extraflorais para atrair formigas, obtendo em troca defesa ativa de outros insetos ou predadores em geral”, e ele prossegue:

Como traficantes experientes, primeiro elas atraem as formigas, seduzem-nas com néctar doce e rico em alcaloides e, uma vez dependentes, controlam seu comportamento, por exemplo, aumentando a agressividade ou a imobilidade delas na planta. Tudo isso apenas modulando a quantidade e a qualidade das substâncias neuroativas presentes no néctar. Nada mau para seres que continuamos a perceber



como indefesos e passivos, mas que, por estarem enraizados no solo, fizeram de sua capacidade de manipular os animais através da química uma verdadeira arte (Mancuso, 2019, p. 77-80).

Pensando por meio dessa fundamental contribuição do botânico italiano, é imprescindível ponderar que a proposição da néctapolítica está concernida a um processo de tráfico, de tráfego, de transitoriedade dos processos éticos e estéticos que se forjam. Isso porque, assim como na vivência das plantas e suas produções químicas, a viadoplanta elabora-se como um mecanismo de refutação dos sistemas puramente organizáveis, priorizando, portanto, os mais cruamente fabulados – porque atravessados por uma ética carnal (Vidarte, 2019). A comunicação entre espécies, na qual a tecnologia vegetal implementa produções singulares em potencial, nos elucidada que, para além das noções homogeneizantes, tal como de corpo, razão, ética, encontramos modos e mundos mais calcados nas múltiplas capacidades de relações que se formam, traficando condições mais vivíveis nos espaços das cidades, das escolas, das relações, bem como na produção de saberes.

### Considerações finais

A néctapolítica reorganiza artefatos ecológicos através da interação entre as plantas (e suas produções da substância chamada néctar) e a política social, institucional, ecológica, como queira. Busca-se, desse modo, criar uma dinâmica vegetal que agregue outras dimensões epistemológicas à viadoplanta, bem como outras ações pedagógicas para se pensar uma ecologia decolonial (Ferdinand, 2022), concebendo uma demanda discursiva que abarque, portanto, os âmbitos da criação artística, performativa, filosófica, estética.

Logo, se a necropolítica constrói um repertório de elucidação das estratégias de morte promovidas por um sistema colonial e, se a necapolítica implementa outras leituras ao sistema falocêntrico na modernidade *brasilis*, a néctapolítica, por sua vez, prevê uma cosmologia vegetal e dissidente sexual, reestabelecendo os meios de nos defrontarmos para com as políticas ecológicas vigentes. Ao dizê-la inventiva, é intencionando a catalogação de processos criativos de tráfico e de tráfego.

Menos do que se afirmar a uma causa dita progressista, como objeto ideológico, prefere-se a coisa que fita processos, para assim infiltrar-se nas acepções coloniais de uma ecologia canônica, implodindo-a através do viado, da travesti, da mulher negra, do homem negro; desse modo refazemos as rotas em vista de um causamento (Leal, 2021b). Portanto, o que se extrai a partir da néctapolítica é uma política da *vida* desses corpos, radicando outros terrenos pedagógicos e ecológicos.



O néctar se produz como um agente de interconexão para com outros corpos que podem polinizar a planta. Dentre esse propósito, relacionam-se várias espécies atravessadas por essa dinâmica vegetal de polinização. Insetos, pássaros, mamíferos, são umas das existências afetadas. Também pedras, rochas, troncos. Essa condição vegetal mobiliza uma cadeia de agenciamentos que, reavidos pela néctapolítica, nos capacita para a compreensão desse exercício conceitual como um vetor de animação das elaborações estéticas, filosóficas e epistemológicas que nos vinculam às formas mais passíveis de *vida*. Logo que, elaborar tal viés promove um movimento substancialmente epistêmico; é a geração de saberes *viadoplantados* (Farias, 2023), que tanto promovem condições íntimas às vidas que se agenciam por mecanismos mais periféricos e desagregados de uma noção totalitária e excludente de humanidade, quanto empodera posicionamentos, seja de discurso, de imaginação, de pedagogia, ou qualquer outra esfera alcançada por tal interesse de polinização política.

A néctapolítica, portanto, constrói-se como um organismo, isto é, um esquema que abarca qualidades temporais, relacionais, estruturais, tecnológicas, topológicas. Faz isso por meio do tráfico vegetal, do tráfego corpóreo, da transitoriedade pedagógica e, sobretudo, do afeto como agenciamento de mobilização das esferas políticas que a viadoplanta busca forjar. Ou, dito de outro modo, dos afetos-sem-síntese. Assim sendo, trata-se de dizer que a néctapolítica movimenta um estudo ecológico de gênero e sexualidade (*Ibid.*, 2023). Como um arquétipo da ecologia de corpos sexo-gênero dissidentes, isto é, um artefato de potencialização do que a viadoplanta prevê: o acionamento de encenações críticas e criativas aos meios de fabularmos discursos, saberes, posicionamentos de luta e condições vivíveis às vidas alcançadas pela polinização que tal projeto ético-estético vislumbra. É, portanto, uma inventividade que inaugura novos horizontes de escrita, de compreensão e de pedagogia, através, em suma, de um ambiente que não é nem o da ecologia neoliberal, tampouco da política do progresso predatório: concerne-se a partir de ensejos perspectivados primeiramente pelo que mais podemos, nós pessoas sexo-gênero dissidentes, forjar como um conhecimento vegetal e dissidente sexual.

A néctapolítica é, conseqüentemente, uma área de produção pedagógico-ecológica decolonial, que escreve e dança e visa perscrutar mais terrenos, divagando e devagar. Mas também com força e uma modulação potencialmente vegetal. Da pedra à flor.

*Quando sonho com a néctapolítica, realizo a dança da pedra, o pedido da pétala, com uma audácia de alçada vegetal.*



## Referências

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BALDIN, Rafael. *Sobre o conceito de paisagem*. In: Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas*. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. vol. 4. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FARIAS, Saile Moura. A vida de viadoplantas – a mote é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas. *PÓS*. Belo Horizonte, v. 13, n.27, p. 1-27, 2023.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução de Letícia Mei. Prefácio de Angela Davis. Pós-fácil de Guilherme Moura Fagundes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento: projetos episódios do sul*. São Paulo: Goethe-Institut, 2016.
- KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiro de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: Escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1a. ed. 4a. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LEAL, Dodi Tavares Borges. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. *Pandemia crítica*, São Paulo, n. 094, p. 78-86, 2020a.
- LEAL, Dodi. Encontro de pedagogias da Teatra: afetividades do saber riscar e arriscar. EIXO AÇÕES PEDAGÓGICAS DA 8ª MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO PAULO (MITSP), v. 8, 2022.
- (*Perspectiva anos 20*) *Conversa com Dodi Leal*. Dodi Tavares Borges Leal. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbZl0pG1UAE&t=2716s>. Acesso em: jan. 2021.



*Tenho receio de teorias que não dançam.* [s.l.]. Dodi Tavares Borges Leal. 2021. 1 vídeo (4 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdbfQmWJLoU&t=23s>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução de Eliama Aguiar. Prefácio de Virginie Despentes. 1a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: Proclamações Libertárias para uma Militância LGBTQ*. Tradução de Maria Selenir Nunes dos Santos e Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.



**Autor****Saile Moura Farias**

Formado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Doutorando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC). Debruça-se sobre pesquisas que visam potencializar estudos do corpo em cena a partir do teatro, da dança, da filosofia, da literatura e da performance, concebendo, com isso, investigações prático-teóricas.

E-mail [saimmouraf@gmail.com](mailto:saimmouraf@gmail.com)

**Direitos autorais**

Saile Moura Farias

**Licenciamento**

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

**Modalidade de avaliação**

Avaliação Duplo-Cega

**Editores responsáveis**

Éden Peretta

Bárbara Carbogim

**Histórico de avaliação**

Recebido em 14 de maio de 2023

Aceito em 12 de outubro de 2023